



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **MULHERES NEGRAS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL: UMA LEITURA A PARTIR DO PENSAMENTO DE AUDRE LORDE**

**Francineide Marques<sup>1</sup> Denise Botelho**  
**Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Grupo de Estudos Geperges Audre Lorde**  
**Emails: francineidemarques@gmail.com; mulhernegra@gmail.com**

### **RESUMO**

Neste estudo investigamos a atuação política de mulheres feministas negras, pensando com Audre Lorde, a sua perspectiva de que estruturas de poder serão desmontadas com as práticas daquelas pessoas que são as vítimas desses mecanismos. Trazemos à discussão o pensamento dessa autora na tentativa de compreender a atuação de Mulheres Negras no cenário político nacional e o exercício do direito humano à fala no espaço público, isto é, à participação política. Para tanto, dialogamos, também, com escritas de autoras negras que pensam/pensaram a temática no Brasil. Sublinhamos a importância deste estudo por problematizar a atuação política partidária e não partidária de mulheres negras, identificando um imenso desafio de pensar estratégias que possam ser utilizadas para viabilizar a efetivação dos direitos humanos das mulheres como se organizar para pensar sobre essa experiência no Brasil. O debate político é inafastável da vida em sociedade, trazemos aqui um convite para pensarmos política, cidadania plena, justiça social, Casa-Grande e privilégios raciais/históricos/machistas/sociais. Os olhares aqui são inteseccionalizados, para investigar estas múltiplas demandas, as várias lógicas se cruzam, daí pelo que adotamos as perspectivas epistemológicas e metodológicas afro-diaspóricas, uma vez que são inter/multi/transdisciplinares.

Palavras-chave: Audre Lorde. Mulheres Negras. Participação Política.

### **1. INTRODUÇÃO**

A mulher negra no Brasil (e fora dele) tem sido obliterada ao longo da história. Audre Lorde, mulher negra, feminista, intelectual norte-americana de descendência caribenha denunciou com a sua produção acadêmica e os

seus poemas o lugar de desprestígio ao qual era (e ainda é) designado às mulheres negras e destacou em sua escrita o lugar do feminismo, da luta antirracista e contra a LGBTTFobia, encorpando o lugar político da luta pelos direitos humanos.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Para a desconstrução desses lugares

fixados na menor escala social, Audre Lorde propõe o desmantelamento do pensamento colonialista com as ferramentas que as pessoas colonializadas tiverem, pois como nos diz “as ferramentas que desmontarão a Casa-Grande, jamais serão as ferramentas do senhor” (LORDE, 2003, p.115).

Esse desmantelamento do pensamento colonialista, implica na desconstrução do patriarcado, do sexismo, dos preconceitos e discriminações inerentes ao capitalismo excludente utilizando-se diversos instrumentos, os diversos mecanismos, inclusive o erotismo como força-vital, como força política (LORDE, 2003, p. 38) e os lugares de memória que positivem as identidades negras, símbolos identitários capazes de mobilizar as categorias raça, gênero e sexualidade.

Os estudos acadêmicos têm cada vez mais apontado para o fato de que se temos a invisibilidade das mulheres como sujeito de direitos e de representatividade social, podemos dizer que a mulher negra, assim como milhões de mulheres silenciadas em outras culturas subalternizadas (SPIVAK, 2010), vem sendo ao longo dos tempos coisificada e suprimida em suas identidades, subjetividades e participação política.

Com os Estudos Culturais (WOODWARD, 2013), temos visto que as

diferenças são marcadamente objetos de preconceitos e discriminações como nos explicita Poliana Delmondez e Uã Nascimento:

Discute-se a diferença como categoria para se referir às experiências de determinados grupos sociais, pois evidencia tanto as práticas de exclusão historicamente constituídas como a produção de novas posições de sujeito

[...]

É exatamente na interseção e na interdependência entre as experiências de grupos e de sujeitos que se estabelecem as tensões sociais e políticas contemporâneas

[...]problematizar a subjetividade inscrita em mapas e em espaços sociais, por isso diferença e diversidade. [...] O ser humano nomeado como diferente, para uma determinada comunidade cultural, pode assumir duas posições: uma, de vulnerabilidade – viver uma experiência de precária condição de vida –; outra, de resistência à sua condição de vulnerabilidade.

Todavia, as duas posições não são excludentes.

(DELMONDEZ;



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

NASCIMENTO, 2016, p. 80)

Conquanto saibamos que a colonização, como sistema político, econômico e social estruturada no racismo, no sexismo e no capitalismo impôs o lugar do *diferente* aos povos colonizados e daí imprimiu toda a sorte de violências aos povos de distintas regiões da África, sabemos, também que a resistência foi sempre apresentada não só por homens guerreiros, mas também por mulheres guerreiras que conseguiram enfrentar, ostensivamente, por séculos o poder colonialista, conquanto vencidos/as pelo poder bélico hegemônico, assim não se consideraram dentro da perspectiva cultural.

Essas lutas perderam-se nos tempos, mas foram conservadas como sinônimo de força simbólica nas memórias coletivas repassadas, reconstruídas nos espaços sociais em que as pessoas negras preservavam as suas tradições, redesenhando novas configurações para as suas demandas individuais e coletivas.

## 2. METODOLOGIA

A Revisão bibliográfica combinada às experiências da autora e da co-autora as coloca em um lugar de pesquisa como sujeitas/trajetórias/objeto, em que o conhecimento se desenvolve desde as próprias vivências dentro dos movimentos sociais,

especialmente do movimento feminista e de mulheres negras. A implicação das sujeitas garante-lhes uma perspectiva, um lugar de fala de dentro, aproximando-as de um trabalho autoetnográfico.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As resistências foram em África e na diáspora atlântica calcadas sobre as religiosidades que estruturavam socialmente os povos escravizados. Isso é assim porque a cosmovisão das culturas africanas assenta-se na complexidade, na comunhão gente/ambiente/sagrado/profano/visível/invisível que marcavam as culturas africanas. (BOTELHO; NASCIMENTO, 2011, p. 91)

Assim, temos que as religiões africanas tiveram (e têm) um papel importante de unir os povos escravizados e facilitar a adaptação nesses territórios desconhecidos e inóspitos encontrados ao longo da Diáspora ainda que sejam consideradas todos os obstáculos impostos pelo sistema colonial para dificultar a comunicação, a linguagem e a interação desses povos arrancados das suas origens africanas.

Ao chegar ao Brasil (e em outros países da América), as pessoas escravizadas foram desenvolvendo maneiras de ultrapassar as barreiras impostas pelos *Senhores* para que pudessem lidar com a solidão (banzo) e isolamento cultural, daí sendo criada, com



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

elementos das várias culturas presentes em território brasileiro como possibilidade de sobrevivência.

Aos poucos, as pessoas escravizadas, foram (re)construindo laços pessoais e (re)significando elementos aqui encontrados no intuito de possibilitar o diálogo com as suas pertencas originárias à procura das identidades esmagadas pelo sistema colonialista.

Entende-se que há necessidade de preservação da memória porque “A necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993, p. 14) com a intimidade necessária à sua preservação e as novas vivências do presente não venham a ser o atterramento e esquecimento das vivências passadas, vez que o passado não está morto, mas sim faz parte de um processo. (SANTOS, 2016, p. 5)

Não se pode esquecer que as mulheres negras durante todo o processo colonialista (e ainda hoje) foram subjugadas em suas sexualidades e dignidade nas continuadas violências sexuais e simbólicas sofridas.

Para se dar conta de que é possível atravessar a linha abissal (BOAVENTURA, 2007, p. 3) e as suas dicotomias castradoras das

liberdades individuais e dos direitos humanos, torna-se necessário a descoberta de que

Há muitos tipos de poder, usados e não usados, reconhecidos ou não. O erótico é um recurso dentro de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer aquelas várias fontes que há na cultura de oprimidos e podem suprir energia para mudança. Para mulheres, isso tem significado a supressão do erótico como fonte considerável de poder e informação dentro de nossas vidas (LORDE, 2003, p. 23)<sup>2</sup>

A partir das reminiscências das suas culturas originárias, contando com a oralidade, com a musicalidade e com as suas religiosidades, tem sido possível atravessar essas linhas e se fortalecer no sentido de existir no mundo a partir de uma perspectiva da desconstrução das bases opressoras, vez que o erótico exprime uma postura política, uma afirmação de busca de um lugar social de plenitude de direitos e cidadania, eu vem a ser

<sup>2</sup> Tradução pessoal.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

não apenas o lugar do prazer corpora, físico, mas a força de viver, o ser no mundo em sua existência plena, com o contato com a esfera do público e do privado em segurança.

O espaço da política é um espaço público e este lugar foi historicamente negado a negritude e as mulheres. Ou seja, quando falamos da participação política e empoderamento das mulheres negras falamos em uma perspectiva de mudança profunda de *status quo* na sociedade e modificar as estruturas sociais de forma radical requer retirar privilégios daqueles que sempre ocuparam o espaço público na sociedade para garantir a participação dos setores sociais historicamente marginalizados e alijados dos locais de decisão política e de poder.

Audre Lorde (2003) nos mostra que o erótico é fonte de empoderamento, de interação, de força mobilizadora política.

Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas.

[...]

O erótico para mim funciona de muitas maneiras, e a primeira é fornecendo o poder que

vem de compartilhar profundamente qualquer busca com outra pessoa. A partilha do prazer, seja físico, emocional, psíquico ou intelectual forma entre as compartilhantes uma ponte que pode ser a base para entender muito do que não é compartilhado entre elas, e diminui o medo das suas diferenças. (LORDE, 2003, p. 40)<sup>3</sup>

Mas é importante lembrar que esse empoderamento de que nos fala Audre Lorde é um movimento que se processa de maneira coletiva, intencionada, portanto, política, que transversaliza as diversas dimensões do ser mulher negra, feminista, com as suas distintas sexualidades e que não possível o auto-empoderamento de forma dissociada da comunidade.

Ao revés, o empoderamento é feito na interação. As mulheres se empoderam umas às outras em exercício contínuo de leitura das realidades vivenciadas, em uma troca de saberes e experiências que são mutuamente confrontadas com os discursos institucionais e com as ordens econômicas e sociais.

O empoderamento é um exercício feministas, conquanto se possa dar em esferas em que as mulheres não estejam ainda conscientes desse discurso feminista, já que

<sup>3</sup> Tradução pessoal



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

existem coletividades de mulheres que atuam a partir das suas perspectivas e demandas específicas, mesmo quando ainda não foram empoderadas no sentido de se apropriar das teorias feministas.

De uma maneira ou de outra, o fortalecimento de identidades nas mulheres que venham a contemplar as diversas nuances das suas necessidades de segurança pública, da proteção e efetivação dos seus direitos são temidas, pois

Obviamente, mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a separar a demanda erótica de quase todas as áreas mais vitais de nossas vidas além do sexo. E a falta de consideração às raízes e satisfações eróticas de nosso trabalho é sentida em nosso desafeto por tanto do que fazemos. Por exemplo, quantas vezes amamos de verdade nosso trabalho até em suas maiores dificuldades? (LORDE, 2003, p. 39)<sup>4</sup>

Especialmente verificamos que as mulheres empoderadas, que são participativas politicamente, que defendem os seus direitos com o desenvolvimento da capacidade argumentativa, isto quer dizer, a partir da defesa dos seus lugares de fala, da garantia do seu direito de participação política é erótico

também, pois o erótico é plenitude do ser protagonista da própria vida, desde ações políticas.

Nisso vemos bastante sentido porque se o pensamento colonialista foi formado a partir de atos coletivos da elite hegemônica, por óbvio o enfrentamento para que esse pensamento venha a ser desmantelado, deverá ser, também político, isto é coletivo.

A pertença coletiva é mobilizadora, pois mulheres negras passam a se perceber como força política capazes de modificar comportamentos individuais, estruturas sociais que poderão se desmanteladas para que outras formas de sociabilidades possam ser construída tomando-se como substrato as experiências da forçada diáspora negra.

Então podemos pensar que a participação política, a luta por direitos esteve sempre presente na vida das mulheres negras, conquanto várias dessas lutas não tenham sido assim nomeadas.

O espaço da política é um espaço público e este lugar foi historicamente negado a negritude e as mulheres. Ou seja, quando falamos da participação política e empoderamento das mulheres negras falamos em uma perspectiva de mudança profunda de *status quo* na sociedade e modificar as estruturas sociais de forma radical requer

---

<sup>4</sup> Tradução pessoal



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

retirar privilégios daqueles que sempre ocuparam o espaço público na sociedade para garantir a participação dos setores sociais historicamente marginalizados e alijados dos locais de decisão política e de poder. (FRANÇA, 2017)

O impulso de mulheres negras para as conquistas sociais, para os resgates das suas histórias, inclusive para a luta que busca dar garantia aos seus direitos e combater o racismo e as discriminações que tem aniquilado a vida de tantas mulheres negras, que tem causado tantos sofrimentos físicos, psíquicos e psicológicos esteve sempre marcado pela ação política individual ou coletiva que proporcionou a sobrevivência às mais adversas situações enfrentadas ao longo da história (ainda que essas batalhas, essas estratégias tenham sido apagadas pela historiografia colonializadora, pela lógica colonializante).

As práticas racistas são muitas e derivam de diversos lugares, vez que se encontra ramificado no tecido social de forma rizotômica, imerso, submerso e sempre emergindo em todos os setores da sociedade, de forma inclusive, institucionalizada, para espancar quaisquer estratégias de sobrevivência escolhidas pelas pessoas negras.

Ora, se essas estratégias de sobrevivência, de poder existir e desfrutar das oportunidades sociais, econômicas,

educacionais são dificultadas aos homens negros, às mulheres negras tem sido absolutamente negadas ainda que muitas leis venham sendo elaboradas para reparar o legado racista e de desigualdades que dificultam a vida das mulheres.

Podemos ver que no Brasil,

Os exemplos das práticas racistas são abundantes e diários. Ou seja, mesmo com as sanções legais, isto é, com essas condutas racistas sendo criminalizadas com a previsão de aplicação de penas de reclusão (prisão em regime fechado), os desrespeitos aos direitos das pessoas negras ocorrem diariamente, pois não se pode esquecer que o Brasil ratificou a *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial em 1968* e, como exposto no Preâmbulo dessa Convenção, a “doutrina de superioridade baseada em diferenças raciais é cientificamente falsa, moralmente condenável, socialmente injusta e perigosa, inexistindo justificativa para a discriminação racial, em teoria ou prática, em lugar algum”. (MARQUES, 2016, p. 19)

Como se pode ver, o “desmantelamento da Casa Grande” precisa das políticas públicas como instrumentos,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

ações afirmativas considerem as interseccionalidades das categorias raça, gênero, sexualidade, geração, origem, escolaridade e outras, na forma demandada pelos movimentos sociais, especialmente os movimentos feministas de mulheres negras para que se possa promover a igualdade racial e a equidade de gênero.

Sim, é possível que essas barreiras sociais possam ser banidas da sociedade brasileira sempre que se fizer a desconstrução do lugar do hegemônico *heterobranconormalizado* que desqualifica o conhecimento produzido pelas mulheres negras e alija a humanidade com a banalização das suas sexualidades, as violências aos seus corpos e a invisibilidade das suas aspirações e demandas intelectuais.

A dicotomia entre espiritual e político é falsa também, resultante de uma atenção incompleta ao nosso conhecimento erótico. Pois a ponte que os conecta é formada pelo erótico – o sensual –, aquelas expressões físicas, emocionais e psíquicas do que é mais profundo e mais forte e mais rico dentro de cada uma de nós, sendo compartilhado: as paixões de amor, em seus mais fundos significados.

Além do superficial, a considerada frase “me faz sentir bem” reconhece a força do erótico em um conhecimento verdadeiro, pois o que ela significa é a primeira e mais poderosa luz guia a qualquer entendimento. E entendimento é uma ama que só pode esperar, ou explicitar, aquele conhecimento, nascido fundo. O erótico é a nutriz ou a babá de todo nosso conhecimento mais profundo. (LORDE, 2003, p. 41)<sup>5</sup>

Imperioso, portanto, que se faça o desmonte do pensamento colonialista que retira das mulheres negras o direito do Bem-Viver e as coloca no nível mais inferior da pirâmide social causando-lhes as assimetrias sociais e econômicas que dificultam e, muitas vezes, inviabilizam as suas existências.

## 4. CONCLUSÕES

A difusão do pensamento das mulheres negras, como Audre Lorde; a disseminação de memórias positivas que fortaleçam as identidades das mulheres negras de maneira a dialogar as histórias de outrora que não estão citadas e as contemporaneidades da ação política são mecanismos que podem

---

<sup>5</sup> Tradução pessoal





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ser utilizados para a desconstrução do pensamento colonialista.

Os diálogos das produções intelectuais e empíricas entre os conhecimentos das academias e aqueles produzidos fora dos locais formais podem enriquecer e incitar estudos futuros para essas temáticas com a finalidade de que contemplem outras abordagens da participação política com a transversalidade nas temáticas racial, de gênero e de sexualidades para que possamos a partir do presente, vislumbramos um futuro de mudanças amparando-nos nos trabalhos já realizados pelas mulheres negras e não negras que nos antecederam e que são tantas vezes esquecidas, a exemplo da militante anarquista e educadora Maria Lacerda de Moura, mineira (1887-1945) que no início do século XX já questionava a nossa sociedade classista/racista/machista com livros de textos e títulos provocativos, tais quais “A mulher é uma degenerada” de (1924) e “Amai... mas não vos multipliqueis” (1932).<sup>6</sup>

Atuar politicamente, no sentido de participar, interferir, marcar as realidades vividas significa, também, produzir no campo público, lugares de memórias e história positivas para as pessoas negras, pois não apenas as questões afeitas às injustiças raciais

que importam, mas ver a mulher negra como ser complexo, inserido na contemporaneidade que possa viver a plenitude de uma vida sem os estigmas sociais e as violências dos preconceitos e das discriminações.

A participação política de mulheres negras que primam por sua dignidade nos leva a refletir com e desde Audre Lorde, uma vez que “nossos silêncios não vão nos proteger”.

Sabemos que essa luta contra o silenciamento, essa cartografia de quem vive e de quem morre, essa necropolítica, o alijamento das instâncias de decisão e poder nos castiga com os instrumentos (fome, morte, trabalho forçado, violência, dor...) que a colonialidade sempre se utilizou, todavia não bastam para o nosso aniquilamento, pois também nos empodera, já que seguimos juntas, coletivamente, politicamente ao reagir aos efeitos nefastos do racismo e sexismo em nossas próprias vidas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Denise M. e NASCIMENTO. Wanderson Flor do. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. *In: FILHO, Geraldo Silva e LOPES, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). Fragmentos de diásporas africanas no Brasil. Sociedade, Escravidão, Cultura e Religiosidades.* São Paulo: Premier, 2011. Pag. 89 a 108.

<sup>6</sup> Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/maria-lacerda-de-moura-feminista-e-anarquista->

[critica-dos-movimentos-em-que-militou/](https://www.redor2018.sinteseeventos.com.br/). Acesso em 18/11/2018



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

DELMONDEZ, Polianne e NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Sujeitos da diversidade *In*: Pulino, Lúcia Helena Cavasin Zabotto; Soares, Sílvia Lúcia; Botêlho da Costa, Cléria; Longo, Clerismar Aparecido; Sousa, Francisco Lopes de (orgs.). **Educação e diversidade cultural**. Brasília: Paralelo 15, 2016. Biblioteca Educação, Diversidade Cultural e Direitos Humanos, vol. I 184 p.

FRANCA, Luka. **Mulheres negras na política: maioria na sociedade, minoria nos espaços de decisão**. Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2017/03/mulheres-negras-na-politica-maioria-na-sociedade-minoria-nos-espacos-de-decisao/>. Acesso em 07/06/2017.

LORDE, Audre. *La hermana, la extranjera*. **Artículos y conferencias**. Traducción de Maria Corniero. Madri, España: Lennart Sane Agency AB, 2003.

MARQUES, Francineide. A legislação para a promoção da igualdade racial no Brasil. *In*: **Educar para a Igualdade Racial**. BOTELHO, Denise (Org.) Recife: RENAFORM, 2016.

SANTOS, Francineide Marques da Conceição. **O direito ao culto religioso e gênero: Preta Velha como lugar de memória afro-religiosa**. Artigo apresentado no REDOR 2016. Disponível em <http://www.encontroredor.com.br/trabalhos-aprovados.php>. Acesso em 20/11/2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.